

Jurandir Malerba

# BRASIL EM PROJETOS

História dos sucessos políticos e planos de melhoramento do reino. Da ilustração portuguesa à Independência do Brasil

# SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| Uma outra história do Brasil                     | 9  |
| Prefácio: Leve como um pássaro, não como a pluma | 11 |
| Introdução: uma ponte para o passado             | 17 |

## PARTE I. O BRASIL NO IMPÉRIO PORTUGUÊS

|  |     |
|--|-----|
| 1. A era das reformas                                  | 39  |
| 2. Uma nova pedagogia                                  | 51  |
| 3. O espectro visível das luzes                        | 59  |
| 4. A condição colonial                                 | 71  |
| 5. Alinhamento ideológico, ciência e economia política | 85  |
| 6. Império luso-brasileiro, de quem?                   | 103 |
| 7. Reformadores  | 113 |

## PARTE II. O IMPÉRIO PORTUGUÊS NO BRASIL

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| 8. Era no tempo da guerra            | 159 |
| 9. Uma Corte nos trópicos            | 169 |
| 10. Lógicas de Corte                 | 183 |
| 11. Uma questão de classes           | 197 |
| 12. O personagem: d. João            | 205 |
| 13. José da Silva Lisboa, reformador | 213 |

### PARTE III. DE COLÔNIA PORTUGUESA A IMPÉRIO DO BRASIL

- 14. Independência: *passe-partout* 239
- 15. Cortes, conchavos e cizânias 249
- 16. Perfil de um homem entre dois tempos 271
- 17. José Bonifácio, arquiteto de quimeras 285

Conclusão: Um país para poucos 309

*Agradecimentos* 317

*Notas* 319

*Referências* 368

*Índice onomástico* 414

# UMA OUTRA HISTÓRIA DO BRASIL

A FGV Editora está lançando a coleção “Uma outra história do Brasil”, com o primeiro volume *Brasil em projetos*, de Jurandir Malerba.

A intenção é apresentar sínteses autorais que focalizem os grandes projetos elaborados por diferentes grupos políticos que atuaram no país ao longo dos últimos 200 anos.

A coleção visa disponibilizar para o grande público a trajetória da construção da nação, com seus conflitos, momentos de conciliação, fracassos, de forma a permitir entender porque somos um país tão excludente e desigual. Esperamos que as publicações contribuam para um melhor entendimento da nossa história e para o fortalecimento das lutas por um país mais justo e democrático .

A coleção tem previsão de publicação de mais 4 volumes, assim organizados com os seguintes títulos provisórios: *Centralismo ou localismo? Projetos para a nação brasileira (1831-1870)*; *A geração de 1870: republicanismo, positivismo e federalismo (1870-1920)*; *Modernização e nacionalismo (1920-1964)*; *Tradições em debate: autoritarismo e neo liberalismo*.

## PREFÁCIO

# LEVE COMO UM PÁSSARO, NÃO COMO A PLUMA

**P**ode (e deve) um livro escrito por um historiador acadêmico — com larga experiência tanto na pesquisa historiográfica quanto nas densas discussões teóricas sobre o caráter da disciplina histórica — buscar o diálogo e a aproximação com um público leitor formado por não especialistas? É possível combinar o necessário rigor no trato com as fontes documentais a uma prosa fluida, imune a certos cacoetes normativos da escrita científica? Como conciliar análise estrutural e narrativa, complexidade e legibilidade, acuidade interpretativa e limpidez de estilo?

Este livro oferece-nos algumas alternativas e possibilidades de resposta. Em paralelo ao propósito de analisar os projetos e programas traçados por agentes públicos hegemônicos ao tempo da formação do Estado brasileiro — dos estertores da Colônia ao início do Império —, Jurandir Malerba põe também em relevo, de forma resoluta, uma demanda que hoje se impõe à prática da escrita da história.

Diante do crescente interesse popular pelas representações do passado — fato que pode ser aferido pelo número cada vez mais elevado de revistas ilustradas, livros de alto consumo, blogues, canais de youtubers, páginas

nas redes sociais e programas de TV específicos —, a historiografia precisa voltar a questionar-se, mais uma vez, sobre seu lugar e papel, para a partir desse ponto crucial demonstrar sua relevância e, no limite, redefinir a compreensão que tem de si própria.

Fugir à urgência desse debate significa, no mínimo, insistir no alargamento de um vácuo que, em tempos recentes, passou a ser ocupado, de modo eficaz e ruidoso, por revisionismos, simplificações, teorias conspiratórias e negacionismos de toda espécie. É premente, portanto, que os pesquisadores mais conscienciosos de seu ofício percebam que estão sendo vencidos em uma avassaladora disputa de sentidos, numa batalha de discursos pela posse da memória — fenômeno no qual o encastelamento acadêmico tem contribuído sobremaneira para a melancólica perda de espaço público dos intelectuais e da análise mais qualificada.

Em tempos de anticientificismos, de desconstrução oficial do conhecimento, de ataques explícitos à arte e à cultura, de recusa a qualquer proposta de pensamento complexo, cabe à comunidade acadêmica repensar não só os limites de sua atuação, quase sempre circunscrita aos intramuros das universidades, mas também de redefinir os paradigmas que a definem e a sustentam. A busca por uma escrita inventiva, que brote de uma prática de pesquisa criativa — tanto na escolha dos objetos de estudo quanto no uso e exposição dos aportes teóricos que a guiam e lhe conferem mérito científico —, faz parte basilar desse processo.

Enquanto tal não ocorre ou se dá apenas de forma germinal e restrita a algumas experiências isoladas — e, ao escrever isso, não posso deixar de aludir à influência luminar que a saudosa professora Jerusa Pires Ferreira exerceu sobre minhas escolhas metodológicas como pesquisador da história e da cultura —, é recomendável, pelo menos, que tenhamos em vista a necessidade de discutirmos o devido compromisso social e ético do conhecimento acadêmico em relação à esfera pública.

Esta é a premissa básica inerente ao livro que o leitor tem em mãos. Aqui, em nenhum momento, Jurandir Malerba faz concessões — de

forma ou de fundo — para buscar o êxito mercadológico como finalidade cardinal da obra. Como historiador de vasto repertório e reconhecida erudição, Malerba não recorre, por óbvio, ao simplesmente pitoresco, às facilidades do circunstancial. Também não descarta a elegância da linguagem e do prazer do texto em troca de um deliberado rebaixamento do estilo para, supostamente, torná-lo mais palatável e acessível.

Em contrapartida — e isso, sim, parece-me decisivo —, Malerba evita a todo instante o tom solene. Rejeita, a qualquer custo, aquela fatuidade acadêmica que se escuda no hermetismo como espécie de chancela a ser pavoneada entre os pares. Por um lado, não quer simplesmente entreter o leitor, diverti-lo, distraí-lo, enfileirar-lhe uma sequência de eventos e anedotas a respeito de personagens caricaturescos de folhetim. Mas, por outro, nem por isso abdica do recurso de adotar a narrativa como ferramenta de escrita, a exemplo de quando discorre, na Parte II do volume, com singular colorido, sobre a transferência da Corte portuguesa para o Brasil.

Em vez de simplesmente relatar episódios, analisa-os, interpreta-os, confere-lhes sentido. A narrativa, desse modo, serve para elucidar as próprias estruturas e desvelar os modos de pensar de toda uma época. Ao longo do volume, os personagens escolhidos pelo autor como “protagonistas” desta trama de significados são exibidos em seus respectivos contextos e cenários de complexidade.

Os projetos, pensamentos e propostas de ideólogos e reformadores como Rodrigo de Sousa Coutinho, José da Silva Lisboa e José Bonifácio de Andrada e Silva — alguns dos nomes de proa que compõem o painel histórico aqui retratado — são surpreendidos e lidos a contrapelo das intenções originais expressadas por seus escritos, como bem recomendava Walter Benjamin (procedimento cuja inspiração está explícita nas palavras e nas ressonâncias do texto de Malerba).

Problematiza-se, aqui, a autoimagem que esses “inventores do Brasil” construíram de si e de seu tempo — representações de um ambiente intelectual posteriormente cristalizadas em uma vasta bibliografia de pretensões canônicas e, por vezes, quase hagiográficas. Os diagnósticos e soluções apresentados por aquela constelação de

“reformadores ilustrados”, em que pesem as discordâncias pontuais entre si, convergiam para um só vértice, pressuposto condicionado pela origem comum a todos eles: a construção de um Estado à imagem e semelhança das elites. “Um grupo seletivo, que jamais hesitou usar de todos os ardis, inclusive da força bruta, para garantir seus privilégios de classe e manter as camadas populares controladas, a seu serviço”, conclui Malerba, com argúcia analítica.

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Ítalo Calvino propunha que, para sobreviver a uma época dominada pela profusão de sons e imagens, a palavra escrita necessitaria se autoinvestir de alguns atributos inescapáveis, sob pena de vir a perecer na babel audiovisual da era tecnológica pós-industrial. Dois desses predicados, à primeira vista, parecem excludentes: consistência e leveza. “A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório”, explicava Calvino, que pedia auxílio ao poeta Paul Valéry para ilustrar melhor os contornos de sua afirmação: “É preciso ser leve como um pássaro, e não como a pluma.”

Este é um livro leve — e não leviano, como os tantos títulos apelativos que, das gôndolas das livrarias, acenam aos incautos com a promessa de escrever a história “para os que tem pressa”, “sem as partes chatas” ou com enfoque “politicamente incorreto”. Pois este é, ao mesmo tempo, um livro consistente. Os leitores que porventura queiram aprofundar as discussões levantadas por Malerba terão oportunidade de fazê-lo mergulhando nas sete centenas de referências a fontes primárias e secundárias, bem como nas seis centenas de notas — todas elas apresentadas ao final do volume, de modo a não comprometer a fluência e o ritmo da leitura.

O fato de um historiador acadêmico convidar um biógrafo para prefaciar a obra, por si só, é bastante significativo. Em um texto antológico, de 2014 — “Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História? — uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *public history*” —, Jurandir Malerba já punha em questão a necessidade de



superarmos uma tensão inócua, por muito tempo retroalimentada entre pesquisadores de dentro e de fora dos circuitos universitários.

“Não se deve lidar com a questão em termos corporativos”, advertia o texto de Malerba, cuja versão original foi apresentada no congresso *The Future of The Theory and Philosophy of History*, realizado na Bélgica naquele mesmo ano. “Não se trata de uma contenda de historiadores *versus* jornalistas, mas da formação de consciência histórica por meio da disseminação do saber histórico e das instâncias de legitimação deste saber”, argumentava. “É imperiosa a necessidade de os historiadores acadêmicos assumirem a importância da dimensão pública de sua atividade, ultrapassando os muros da academia para cada vez mais tomar parte, como especialistas, nos debates de interesse público.”

Este livro parece-me ser a busca da concretização de tais proposições. Os historiadores estão descobrindo o imperativo de um texto esmerado e bem cuidado, mas, principalmente, a importância fulcral de ampliar o alcance e o número de interlocutores do resultado de suas investigações. Cabe aos jornalistas que escrevem livros históricos fazer a parte correspondente. Refinar procedimentos metodológicos, renunciar a impressionismos à guisa de preencher lacunas de pesquisa, referenciar fontes documentais, evitar a tentação dos anacronismos, assumir a ausência de respostas efetivas para todas as perguntas a que se propõem.

Entre tantos outros méritos, a presente obra cumpre funções capitais. Escrever com profundidade para leitores não necessariamente situados dentro da universidade é uma delas. Outra é conclamar os historiadores profissionais a elevar o nível do debate público, unindo o saber científico à participação. Por fim, a terceira — e talvez a mais importante —, demonstrar ao mercado editorial e aos profissionais de mídia que é possível oferecer um produto de qualidade que busque democratizar o conhecimento e, ao mesmo tempo, respeite a inteligência do leitor.